A IMPORTÂNCIA DA MONITORIA PARA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE MEDICINA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE IMPORTANCE OF MONITORING FOR THE EDUCATION OF MEDICAL STUDENTS: AN EXPERIENCE REPORT

Gabriela Souza Carvalho
ORCID 0009-0006-7533-439X
Escola de Medicina, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP)
Ponte Nova, Brasil.
gscarvalho.acad@gmail.com

Lindisley Ferreira Gomides
ORCID 0000-0002-0296-7667
Escola de Medicina, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP)
Ponte Nova, Brasil.
lfergomides@gmail.com

Resumo. Introdução: O processo de ensino-aprendizagem dos cursos de graduação em Medicina é permeado por desafios no que tange à formação integral do profissional dotado de competências e habilidades que extrapolam o ensino tradicional: empatia, facilidade para lidar com situações desafiadoras, habilidade de comunicação e oratória. **Relato de Experiência:** Trata-se de um relato de experiência, com abordagem de reflexões de uma acadêmica do curso de Medicina como monitora da disciplina Fundamentos Morfofuncionais do Processo de Saúde e Doença I, por dois semestres consecutivos, nos anos de 2021 e 2022. **Discussão:** A prática da monitoria é responsável por desenvolver a autonomia e a formação dos monitores, incentivando a integração entre alunos e professores, além de propiciar apoio aos graduandos que a recebem. Dentre os pontos positivos podem ser elencados a melhoria no desempenho do estudante durante a graduação, a preparação para o exercício da profissão médica, ao campo da iniciação à docência e ao aprendizado sobre metodologias ativas, contribuindo também para o aprimoramento do ensino na graduação. **Conclusão:** No curso de Medicina, a atuação do estudante monitor é crucial para o desenvolvimento acadêmico e profissional. No entanto, mesmo que os temas relacionados à Educação Médica estejam em ascensão no país, mais pesquisas científicas são necessárias a fim de aprofundar sobre o tema, superar barreiras e alavancar a jornada dos estudantes, futuros profissionais da área da saúde.

Palavras-chave: Ensino; Educação Médica; Estudantes de Medicina; Medicina; Aprendizagem.

Abstract. Introduction: The teaching-learning process in undergraduate medical programs is marked by challenges concerning the comprehensive training of professionals equipped with competencies and skills that go beyond traditional education: empathy, the ability to handle challenging situations, communication, and public speaking skills. **Experience report**: This is an experience report that presents reflections from a medical student serving as a mentor in the course Morphofunctional Foundations of the Health and Disease Process I for two consecutive semesters in the years 2021 and 2022. **Discussion:** The practice of academic mentoring plays a key role in fostering autonomy and professional development among mentors, encouraging interaction between students and faculty, and providing support to undergraduate students. Some of the notable benefits include improved student performance during medical school, preparation for professional medical practice, exposure to teaching methodologies, and the enhancement of active learning strategies. Additionally, it contributes to the overall improvement of undergraduate education. **Conclusion:** In medical education, the role of student mentors is crucial for academic and professional development. However, despite the growing prominence of topics related to Medical Education in Brazil, further scientific research is needed to deepen the understanding of this subject, overcome existing challenges, and enhance the journey of students who are the future professionals in the healthcare field.

Keywords: Education; Education, Medical; Extracurricular Activities; Students, Medical.

1. INTRODUÇÃO

A monitoria acadêmica corresponde a uma atividade extracurricular que começou a ser implantada nas Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil por meio da Lei nº 5.540/1968

e pelo Decreto nº 85.862/1981 (Steinbach, 2014). Sua relevância fundamenta-se na melhoria no processo de ensino-aprendizagem dos cursos de graduação em que é inserida, contribuindo positivamente na formação profissional dos estudantes que se tornam monitores e daqueles que participam como monitorados (Fernandes et *al*., 2020).

A origem da palavra monitoria está relacionada ao sistema educacional. Segundo dados históricos, o surgimento da função de monitor remonta à Antiguidade Clássica e sempre demonstrou presença significativa em todas as épocas: tanto sob o aspecto didático do explicador - indivíduo responsável por simplificar as aulas do mestre - quanto sob o aspecto disciplinar - quem exercia o controle do grupo de alunos (Dantas, 2014).

A prática da monitoria é responsável por desenvolver a autonomia e a formação dos monitores, incentivando a integração entre alunos e professores, além de propiciar apoio aos graduandos que a recebem (Vicenzi *et al.*, 2016). De acordo com Freire (2014), os professores não são os únicos que detém o conhecimento, e os alunos podem e devem contribuir no processo de ensino-aprendizagem. Essa perspectiva vai ao encontro das atividades de monitoria.

No curso de Medicina, a atuação do estudante monitor é reconhecida como fundamental por gerar benefícios nas áreas diversas da vida de um acadêmico. Nesse sentido, é possível elencar pontos positivos no que tange à melhoria no desempenho do estudante durante a graduação, à preparação para o exercício da profissão médica, ao campo da iniciação à docência, ao aprendizado sobre metodologias ativas e, de forma especial, ao controle emocional frente às adversidades, ao desenvolvimento da comunicação e das relações interpessoais. Desse modo, a monitoria se constitui numa ferramenta relevante no ensino universitário, pela oportunidade de ampliação de experiências que contribuem para a formação universitária (Tavares et *al.,* 2017).

É relevante observar que, de acordo com pesquisa no site Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), o termo “monitoria” ainda não é reconhecido. Ao efetuar a busca, foi sugerida a sua substituição por “mentoria”. Ocorre que, ao utilizar o termo “mentoring”, são encontradas, em sua maior parte, experiências de ações e serviços entre alunos (mentorados) e professores (mentores) e não de aluno (mentorados) e aluno (mentor), o que de fato acontece na monitoria. Esse fato gerou uma certa complexidade na coleta de dados referentes ao tema do presente estudo.

Dessa forma, o presente estudo trata-se do relato de experiência de monitoria como fonte integradora do saber, englobando atividades extracurriculares, bem como as ferramentas utilizadas para a promoção do aprofundamento teórico e prático na disseminação do ensino e aprendizagem, com foco no desenvolvimento das habilidades do estudante frente às práticas pedagógicas e, ao mesmo tempo, na formação do profissional médico.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Este relato de experiência, em específico, analisa a vivência de uma acadêmica de Medicina, enquanto monitora de uma Instituição de Ensino Superior (IES) no interior de Minas Gerais (MG), por dois semestres consecutivos, na disciplina intitulada Fundamentos Morfofuncionais do Processo de Saúde e Doença I (MED101), a qual corresponde aos conteúdos de Anatomia, Histologia e Fisiologia na graduação da IES em questão. Tais conteúdos foram direcionados aos alunos do primeiro período do curso de Medicina, ou seja, acadêmicos recém-matriculados na Faculdade, que, em sua maioria, concluíram o ensino médio recentemente e trazem uma experiência diferente daquela observada em graduações. Por meio de processos seletivos anuais, o curso de Medicina disponibiliza duas vagas para ocupação do cargo de monitor. da disciplina MED101 desde o ano de 2017. No período em que foi monitora, a discente de Medicina encontrava-se no 2º (segundo) e no 3º (terceiro) períodos do curso. Não momento de seu ingresso na atividade extracurricular, não houve

seleção de outro monitor, permanecendo ela, individualmente, responsável pelas três grandes áreas da referida disciplina.

A monitoria ocorreu no formato de aulas teórico-práticas, sendo as atividades organizadas de acordo com a orientação dos professores sobre os eixos temáticos pontuados como mais importantes ou desafiadores dentro de um contexto em geral. Dessa forma, para cada nova temática, previamente, o planejamento e a aplicação de metodologias diversificadas foram organizados com a finalidade de atender a cada demanda, utilizando diferentes formas de abordagem do conteúdo. Com isso, as monitorias, principalmente de Anatomia e de Histologia, ocorreram em encontros semanais, nos laboratórios de práticas referentes aos respectivos conteúdos.

O horário foi previamente acordado entre a Coordenação do Curso de Medicina da IES e a disponibilidade dos estudantes e da monitora. A duração dos encontros correspondeu, em média, a 4 h. Às 12h semanais de dedicação, enquanto monitora, foram distribuídas para as suas atividades associadas, tais como: preparação das aulas; elaboração de questões, resumos, slides, simulação de provas/avaliações; estudos constantes dos conteúdos referentes ao período anterior (1º período do curso); bem como reuniões com os três professores responsáveis pela disciplina. Dentro dessa carga horária também foram atendidas demandas como auxílio nas provas; atendimento dos monitorados via *WhatsApp* de acordo com suas necessidades; e elaboração de relatórios que deveriam ser destinados ao setor da Escola de Medicina para registro das atividades realizadas.

De acordo com esse cenário, com o passar dos meses, a monitora passou a compreender melhor as necessidades da turma do primeiro período, recordando-se de suas vivências próprias enquanto estudante do 1º semestre do curso e entendendo o que realmente estava funcionando para que o conhecimento fosse transmitido de maneira mais eficiente. Sob esse olhar, é fundamental ressaltar que, assim como os alunos monitorados se beneficiaram ao terem a oportunidade, nos encontros semanais, de estarem em contato com as partes prática e teórica da matéria, a monitora também desenvolveu pontos significativamente positivos e necessários, aprendeu a montar aulas objetivas, resolver questões de administração e gestão referentes, por exemplo, ao agendamento de laboratório, reserva de salas, divisão de turmas, estabelecimento de horários; lidou com pessoas de mentalidades diferentes da sua, em que as formas de didática necessitavam apresentar modificações constantes para serem aplicadas e, assim, para que o ensino fosse transferido de modo integral.

As aulas de Histologia foram estabelecidas com a preparação de lâminas histológicas associadas à apresentação de *slides*. Aos alunos, era disponibilizado um tempo para a análise das lâminas ao microscópio de luz e para manifestarem suas dúvidas com a monitora, a qual atendia, individualmente, em cada bancada, ou coletivamente, em grupos, de acordo com as demandas. No slide, era apontado, em detalhes, o conteúdo mais relevante para o entendimento dos alunos, associando a prática com a teoria. Como pauta programática, foram abordados temas referentes ao corpo humano, dentre os quais estão os sistemas urinário, reprodutor, digestório, respiratório, circulatório e ósseo. Próximo a data das avaliações, eram elaboradas questões e, na sequência, era desenvolvida uma simulação de prova prática na qual os estudantes treinavam o raciocínio diante do tempo cronometrado pela monitora, além de simular uma experiência emocional relacionada a experiência da própria avaliação prática. Posteriormente, a monitora projetava o gabarito em formato de apresentação de slide e explicava as respostas, bem como o conteúdo teórico necessário para alcançá-las.

No campo da Anatomia, as aulas também foram desenvolvidas no Laboratório de Práticas, com divisão em etapas. Primeiramente, a monitora apresentava a matéria a ser abordada por meio de slide. Depois desse momento, de forma prática, por meio dos cadáveres e das peças anatômicas, era demonstrado o que havia sido, no início, apresentado na teoria.

Posteriormente, os alunos estudavam – individualmente ou em grupos – utilizando as peças e os cadáveres, com esclarecimento de dúvidas da monitora, quando necessário.

No que tange à Fisiologia, os assuntos eram abordados de maneira prática, em concomitância às grandes áreas Anatomia e Histologia. Isso ocorria porque o momento da monitoria era reservado para a duração de cerca de 4 horas, ou seja, dois turnos consecutivos de 1 hora e 40 minutos, nos laboratórios práticos, onde se concentravam a maioria das dúvidas e demandas da turma de alunos do 1º (primeiro) período.

Como realizar a gestão de uma monitoria também envolve o aprendizado, não apenas da teoria e da prática, mas de como ensinar, a monitora desenvolveu algumas metodologias como forma de simplificar assuntos que, no primeiro momento, para estudantes recém-matriculados, não eram compreendidos de maneira integral.

Uma experiência positiva que se destacou foi a didática utilizada na aula de Anatomia do crânio, por sugestão de sua professora-orientadora, a monitora elaborou fragmentos de fita adesiva branca (cerca de 3 cm cada), e escreveu neles os nomes dos ossos, suturas, processos e acidentes ósseos, posicionando-os nos locais correspondentes na peça anatômica. A finalidade dessa atividade era proporcionar aos alunos o contato prático com as peças já nomeadas, facilitando o entendimento (Figuras 01 e 02).



Figura 01. Imagem representativa da porção distal do osso úmero direito, contendo a metodologia utilizada pela monitora para reforçar as nomenclaturas anatômicas com os estudantes. Na imagem, são evidenciados os seguintes acidentes ósseos: fossa radial, fossa coronóide, epicôndilo medial, capítulo do úmero e tróclea. Fonte: Autores (2023).

Br. J. Ed., Tech. Soc., v.18, n2, p.654-666, 2025
DOI http://dx.doi.org/10.14571/brajets.v18.n2.654-666
ISSN 2316-9907

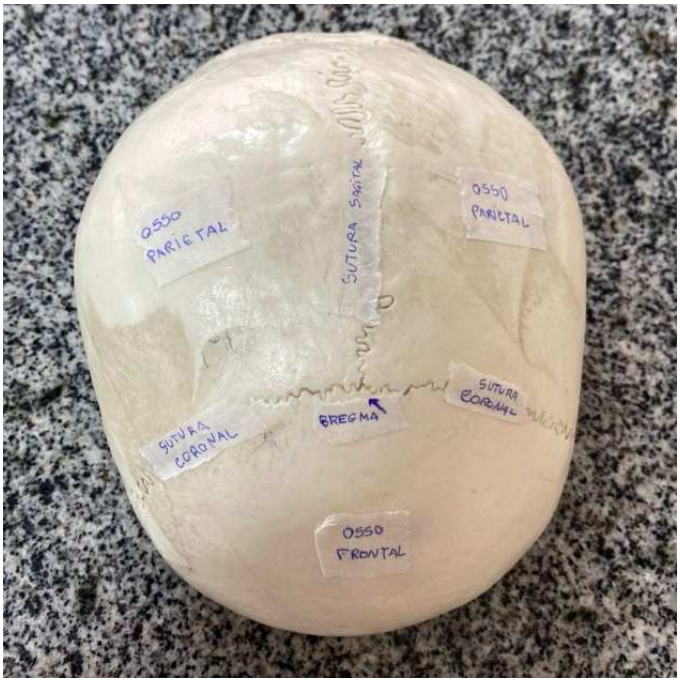


Figura 02. Imagem representativa dos ossos do crânio, contendo a metodologia utilizada pela monitora para reforçar as nomenclaturas anatômicas com os estudantes. Na imagem, destacam-se os ossos parietal e frontal; as suturas sagital e coronal; o ponto de convergência das suturas coronal e sagital denominado bregma. Fonte: Autores (2023).

Em outro momento, como seguindo uma didática da sua professora de Anatomia, a monitora insuflou um balão branco, em formato de mão, colorindo-o com três cores diferentes, em espaços específicos para demonstrar a inervação posterior e anterior da mão (carpo, metacarpo e falanges). As cores foram divididas de acordo com os nervos mediano, radial e ulnar, relacionados à sinalização motora ou sensitiva (Figuras 03 e 04).



Figura 03. Imagem representativa da metodologia utilizada pela monitora para explicar a inervação da face dorsal (vista posterior) da mão direita. Na imagem, ao centro, encontra-se um balão preenchido de ar, no formato de mão, colorido com canetas azul, vermelha e preta. Em azul, observa-se a região inervada pelo nervo ulnar; em preto, a região inervada pelo nervo radial; em vermelho, pelo nervo mediano. Fonte: Autores (2023).



Figura 04. Imagem representativa da metodologia utilizada pela monitora para explicar a inervação da face palmar (vista anterior) da mão direita. Na imagem, ao centro, encontra-se um balão preenchido de ar, no formato de mão, colorido com canetas azul, vermelha e preta, proporcionando uma forma lúdica no aprendizado. Em azul, observa-se a região inervada pelo nervo ulnar; em preto, a região inervada pelo nervo radial; em vermelho, pelo nervo mediano. Fonte: Autores (2023).

Além dos momentos de contato direto com os alunos do 1º período (presenciais ou de maneira remota), a acadêmica possuía a permissão para frequentar os Laboratórios de Práticas nos horários disponibilizados pela Faculdade. Dessa maneira, a sua rotina era organizada para conseguir estar presente, em momentos específicos, e se dedicar a estudar o conteúdo com um tempo maior dedicado aos cadáveres. Munida das bibliografias de referência à disciplina anatômica, sentava-se próxima aos corpos desnudos e despendia seu tempo para aprender sobre a Anatomia e suas variações, e para revisar sobre os temas que seriam abordados em próximas monitorias. Ademais, na parte da Histologia, a monitora frequentava o Laboratório de Práticas para revisar o conteúdo, preparar suas aulas e fotografar as lâminas histológicas que seriam utilizadas nos encontros subsequentes com os monitorados.

Dessa forma, como a MED 101 é ministrada como três disciplinas em uma, a monitora dividia cronograma com base nas demandas dos professores e dos alunos. No geral, assim como supracitado, os conteúdos referentes à Anatomia e à Histologia ganhavam maior destaque devido à necessidade de dedicar tempo de qualidade nos laboratórios, representando mais uma oportunidade para que os estudantes do 1º período conseguissem ter contato com as peças anatômicas, cadáveres e lâminas histológicas ao microscópio.

3. DISCUSSÃO

Frente à relevância já mencionada da atividade de monitoria, somada à modificação curricular das Diretrizes do Curso de Medicina (Brasil, 2014), s transformações do mercado de trabalho médico e aos avanços nos estudos relacionados às neurociências, torna-se importante dividir a temática nos seguintes aspectos, os quais serão discutidas em sequência: *i) Monitoria e o aprimoramento estudantil - Interface neurociências e aprendizagem; ii) Contribuições da monitoria para modulação do exercício médico e o desenvolvimento das Soft Skills; iii) Estímulo à docência.*

Monitoria: aprimoramento estudantil – Interface neurociências e aprendizagem

Apesar de ser uma atividade oferecida pela universidade, é o estudante quem decide ser monitor (Vicenzi et *al*., 2016), ou seja, a vontade de buscar além e viver essa experiência

corresponde a uma escolha própria do aluno. Nesse sentido, ele passa a desenvolver motivação e iniciativa em relação aos seus próprios projetos da vida e da futura profissão. Além disso, com base em Santos (2002), "a vivência em projetos de pesquisa e extensão permite aos graduandos aprender a aprender, a construir informação sempre nova". Desse modo, durante o exercício da prática de monitoria, frente à necessidade de atualização e aprofundamento dos conhecimentos científicos propostos, há um maior aproveitamento da experiência vivenciada, demonstrando o desempenho contínuo para execução das funções as quais a monitoria exige (Borges et *al*., 2024).

Nesse aspecto, os estudantes de Medicina que passam pela experiência de serem monitores podem desenvolver uma melhor organização, ampliar sua variedade de métodos de estudo e dividir seu tempo com base em uma maior produtividade, visto que, além das obrigações e responsabilidade que mantém com os monitorados e com os professores, possuem outras demandas referentes aos seus próprios períodos letivos em vigência, bem como com as questões de suas vidas pessoais, o que inclui os relacionamentos interpessoais e a manutenção da saúde - um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença (Brasil, 2020).

De acordo com Freire (2014), ao se tornarem agentes no mundo, os alunos são capazes de reconstruir as atividades, de forma que ao entenderem seus papéis em uma atividade, busquem um objeto compartilhado em comum. Ademais, a monitoria permite que o discente-monitor construa sua própria aprendizagem ao estudar para auxiliar outros discentes, ocasionando um aprofundamento do conteúdo da disciplina que monitora, contribuindo ao desenvolvimento da responsabilidade profissional ao adquirir conteúdo teórico e prático (Almeida, 2013; Andrade et *al*., 2018).

Nesse contexto, a monitoria acadêmica surge como uma importante estratégia que incrementa o processo de ensino-aprendizagem durante a graduação, facilitando e maximizando o aprendizado, além de representar um meio de sanar dúvidas e despertar o interesse dos alunos pelo assunto estudado. Nesse contexto, o monitor passa a desenvolver o senso crítico para lidar com situações diversas, selecionando o que é realmente importante diante da natureza da dúvida. Tal fato contribui para a formação do monitor ao vivenciar momentos de exames, provas e concursos.

Na condição de porta-voz do conteúdo a ser ministrado, durante as aulas da monitoria, o estudante-monitor enfrenta situações típicas àquelas enfrentadas pelos professores (como dificuldade em aprendizados, alunos que não cooperam com as aulas, conversam paralelamente à fala do professor, falta de disciplina, uso de celulares). Com isso, passa a respeitar ainda mais os seus professores, "sentindo na pele" as vivências que os docentes possuem na rotina diária. Com isso, torna-se um aluno melhor, mais disciplinado e mais comprometido com as aulas.

Nesse esteio, diante do entendimento de que a atividade de monitoria está intimamente relacionada com o aprendizado e os métodos de assimilação dos conteúdos, torna-se fundamental trazer a temática sobre a neurociência da aprendizagem para a discussão do presente trabalho científico. Esse tema fornece, aos profissionais da saúde e da educação, bases sólidas sobre o funcionamento do cérebro e sua implicação no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, entender como o cérebro funciona, quais as regiões responsáveis por cada comportamento, quais funções cada região cerebral comanda, se torna fundamental para que educadores e profissionais da área da saúde tenham um olhar holístico e diferenciado sobre o indivíduo, compreendendo e respeitando o aprendizado formal de cada um, possibilitando a adequação de estímulos e o planejamento de metas mais assertivas. Desse modo, para que o aprendizado formal se estabeleça com eficácia, faz-se necessário agregar tais conhecimentos

e conhecer como o cérebro humano aprende, como redes são traçadas e o conhecimento é consolidado (Mietto, 2010).

Nesse momento, vem à tona a discussão sobre a neuroplasticidade, a qual, de acordo com Lent (2006), é a propriedade do sistema nervoso de alterar a sua função ou estrutura em resposta às influências ambientais que o atingem. Numa linguagem mais simplista, é o fenômeno inerente ao cérebro quando este está em constante reorganização para se desenvolver e compensar possíveis desvios e deficiências. De acordo com Lent (2008), através do aprendizado, podemos construir novas pontes, atalhos e assim reconfigurar nosso cérebro.

Nesse sentido, de acordo com Kandel et *al*. (1991), a cada nova experiência do indivíduo, redes neurais são rearranjadas, outras são reforçadas e uma gama enorme de respostas ao ambiente se tornam possíveis. A cada estímulo (que gera uma nova aprendizagem), uma nova rede se forma, ligando-se às antigas e propiciando infinitas possibilidades de conexões. Para que sejam utilizadas adequadamente, um sistema complexo de processamento seleciona as conexões mais importantes para cada ocasião com o intuito de possibilitar respostas rápidas a cada estímulo (verbal ou não verbal) (Kandel et *al*., 1991).

Sob esse viés, tendo em vista o estudo e as diversas atividades que o monitor desempenha ao longo desse processo, como o hábito constante de buscar conhecimento, atualizar-se, revisar temas e preparar aulas e materiais didáticos, faz-se importante considerar que tal rotina pode contribuir para o desenvolvimento de uma neuroplasticidade cerebral mais ampla.

Além disso, o aluno-monitor, utilizando-se de métodos diversos para sua aprendizagem, como vídeos, mapas mentais, fluxogramas, *flashcards*, resumos e leitura, exercita as variadas regiões cerebrais e, ao escolher metodologias diversificadas para aplicar em suas aulas, agrega valor ao aprendizado dos estudantes monitorados, tendo em vista que cada indivíduo absorve os conteúdos de maneira diferente.

Outra questão que pode ser analisada, a conexão entre a linguagem e a aprendizagem, sob o olhar da neurociência, são processos cognitivos altamente elaborados e complexos, que resultam das sinalizações cognitivas primários (sensação, percepção, atenção e memórias). Esses têm início com a transformação dos estímulos sensoriais nos nossos receptores por impulsos elétricos (transdução), pois nosso cérebro só consegue entender sinais elétricos. Assim, tudo que conhecemos do mundo é uma releitura do que foi transmitido ao nosso cérebro pelos estímulos sensoriais (Mietto, 2010).

Nesse aspecto, como, durante o período vigente da monitoria da disciplina MED101 – Fundamentos Morfofuncionais do Processo de Saúde Doença I, foi permitido à monitora frequentar os laboratórios de Histologia e de Anatomia semanalmente para estudo e preparação das aulas, observou-se que o aprendizado através dos estímulos sensoriais foi ampliado e revisado, criando oportunidades de ampliar o que já havia sido aprendido quando era estudante do primeiro período do curso.

Outro ponto relevante diz respeito à memória, a qual corresponde a uma atividade eletrofisiológica que possui a função de permitir o registro, a manutenção e a evocação de fatos já acontecidos, sendo modulada pela consciência, atenção, concentração, emoção, percepção, pelo interesse e senso (Mietto, 2010). Acrescenta-se que sem memória não ocorre aprendizado, e sem aprendizado a inteligência não se manifesta de maneira adequada. Nesse sentido, a capacidade do cérebro de registrar, armazenar e recuperar as informações ao longo do tempo também pode ser beneficiada durante o exercício da monitoria (Mietto, 2010).

Segundo Nogueira (2005), os dados da memória podem ser armazenados de forma isolada (dados vazios e aleatórios – como um número de telefone), relacionados (uma relação simples com um objeto ou pessoas – nomes próprios) e de forma integrada (relacionando-se com uma série de significados). Esses últimos são considerados, numa postura cognitiva, como a aprendizagem propriamente dita. Toda memória possui três fases: fixação, conservação e

evocação (Lent, 2006; Lent, 2008). O fato relevante é que nas três fases mencionadas, a repetição dos conteúdos é abordada. Dessa maneira, atuar como monitor significa, dentre uma série de benefícios, revisar conteúdos que serão relevantes ao estudante tanto durante a sua graduação, quanto na sua vida profissional futura (Sousa et *al*., 2017).

Além disso, é responsabilidade do aluno-monitor conciliar as demandas do seu próprio período letivo, bem como as obrigações provenientes da monitoria. Com base nessa realidade, frente a um cenário que exige disciplina e organização, observou-se o desenvolvimento do hábito de estudar com base em métodos mais efetivos, tornando-se um aluno melhor em termos de aprendizagem, comprometimento e manejo do tempo.

Contribuições da monitoria para modulação do exercício médico e o desenvolvimento das *Soft Skills*

Soft skills dizem respeito a competências relacionadas à interação entre as pessoas e suas formas de lidarem com tarefas; referente a competências que competem à personalidade e ao comportamento profissional de cada indivíduo; habilidades particulares, aptidões mentais, sociais e emocionais que se aprimoram de acordo com a cultura, experiência e educação de cada pessoa (Banco Mundial, 2018). Cada vez mais valorizados no ambiente de trabalho, são relevantes, em especial, nos profissionais de saúde, devido a importância do relacionamento entre eles e seus pacientes e familiares. Tendo em vista a relevância das *soft skills*, a formação universitária dos profissionais de saúde deve promover o desenvolvimento dessas, uma vez que o processo de se tornar médico vai além de aprender a teoria científica básica e as habilidades clínicas, incluindo também o desenvolvimento de competências sociais e humanas.

Com o mercado de trabalho cada vez mais exigente e seletivo, a formação dos acadêmicos nestas competências recebe destaque como modalidade a ser fornecida durante o ensino superior (Siqueira et *al.*, 2022). Nesse aspecto, as *soft skills* passaram a ser caracterizadas como as competências ou habilidades socioemocionais do século XXI (Estrada & Rosas, 2020).

Tais competências são importantes para os profissionais das ciências da saúde, particularmente, devido à natureza da profissão, a qual envolve contato interpessoal com pacientes e familiares. Faz-se necessário possuir formação técnica que inclua raciocínio e julgamento crítico, bem como competência em áreas como comunicação, resolução de conflitos, negociação e tomada de decisões, entre outras (Morrell et *al*., 2020; Lopez-Fernández, 2015).

Porém, apesar dessa importância, a educação médica tradicional não inclui, formalmente, habilidades interpessoais, como ética, profissionalismo ou comunicação (Bhagat et *al.*, 2019). Além disso, poucos estudos descrevem protocolos para os profissionais atuarem em situações estressantes na prática clínica (Krüger et *al.*, 2009).

Uma melhor comunicação entre médico e paciente gera confiança, favorece o vínculo terapêutico e melhora, assim, a adesão do paciente ao tratamento. Também foi relatado que diminui erros do profissional, o que reduz conflitos e litígios e, em última análise, fornece melhores resultados de saúde (Mastrandonakis et *al.*, 2022).

Com a finalidade de estabelecer uma relação terapêutica adequada com os pacientes, e, ao mesmo tempo, aplicar estratégias de cuidados eficazes, a gestão emocional dos profissionais de saúde é fundamental; isto está relacionado com aqueles aspectos referentes à capacidade de compreender as emoções próprias e dos outros, de as expressar corretamente e de saber colocar-se no lugar do doente (Soto-Rubio et *al*., 2020), exercendo, por exemplo, a empatia.

A empatia corresponde ao atributo humano mais importante e que é fundamental em todos os aspectos da vida, sendo essencial à saúde e ao ato de cuidar (Ratka, 2018).

Considerando que os estudantes do 1º período, em muitos casos, enfrentam anseios, ansiedade, medos e preocupações por estarem lidando com uma nova vida, muitas vezes até longe da família; um novo ciclo, um novo grupo de amizades e, em especial, uma nova forma de estudar, específica para a faculdade, a oferta de uma monitoria como suporte, direcionamento e reforço no aprendizado torna-se um grande aliado a adesão a disciplina e a adaptação para a vida universidade.

Dessa forma, ao se colocar no lugar dos alunos monitorados, a fim de compreender as dificuldades e fragilidades desses, o monitor aprimora suas habilidades referentes à empatia, as quais são fundamentais ao exercício médico futuro. Sob esse aspecto, ao compreender uma dúvida pontual de um estudante e conduzi-lo, por meio de metodologias variadas, ao entendimento adequado, o futuro profissional da área da saúde está passando por um treinamento ativo para elucidar as possíveis dúvidas a serem manifestadas pelos pacientes e por seus familiares.

Além disso, diante de uma melhora na competência comunicacional, o aluno-monitor aprende a desenvolver um vínculo de confiança e uma boa relação médico-paciente. Esse laço pode configurar, nos anos próximos, uma melhora na adesão aos tratamentos prescritos/indicados, tendo em vista que os pacientes tendem a seguir as condutas ao se sentirem confiantes e seguros após diálogos positivos

Ademais, o monitor, conhecendo a situação de "ser aluno" na disciplina já concluída por ele, consegue captar não só as possíveis dificuldades do conteúdo ou da disciplina como um todo, mas também apresentar mais sensibilidade aos problemas e sentimentos que o aluno pode enfrentar em situações variadas como vésperas de avaliações, acúmulo de leituras e trabalhos, início e término de semestre (Botelho et *al*., 2019; Natario, 2001). Uma vez no programa, o aluno-monitor desenvolve diversas habilidades, tanto intelectuais quanto sociais, podendo dinamizar e contextualizar os conteúdos da área que monitora, reconstruindo, com os estudantes, conhecimentos acerca dos assuntos abordados.

No que tange à atividade extracurricular da monitoria, encontra-se a melhora na apresentação de seminários, bem como apresentações orais no geral. Isso ocorre devido à prática constante de desenvolver a comunicação, a oratória e o poder de fala. Desperta-se também o hábito de leitura, uma vez que para falar bem, é necessário ler e escrever bem, ou seja, desenvolvimento da habilidade de fala.

A profissão médica possui momentos diversos, nos quais a capacidade de comunicação, de resolução de problemas e de manutenção da calma diante de situações alarmantes é colocada à prova. À semelhança da rotina profissional, a monitoria contribui para o modo como o estudante-monitor lida com as adversidades que necessitam de manejo e de resolução, funcionando como um treinamento preparatório à vida futura.

Ademais, possuir a virtude da disciplina em relação à revisão dos conteúdos e consolidação do conhecimento através de diferentes maneiras de aprendizado é de suma importância para que o saber médico seja aprimorado, lapidando um perfil de estudo necessário para as discussões clínicas no âmbito acadêmico e profissional, e para as atualizações em saúde.

O monitor, no desenvolvimento das atividades inerentes à sua função, vivencia situações que o instrumentalizam para as práticas em saúde, como o planejamento, o trabalho em grupo, a orientação e discussão de problemas (Frison, 2016). Ocorre uma melhora significativa nas atividades em grupo, uma vez que, ao lidar com monitorados de diferentes mentalidades, passa a aprender a lidar com diversidades, melhorando seu poder de socialização. Além disso, ao desempenhar suas atividades, ele possui a oportunidade de vivenciar práticas educativas e de liderança que o preparam para o exercício da profissão.

Monitoria enquanto estímulo à docência

Os programas de monitoria no curso podem despertar o interesse dos alunos, futuros médicos, em incrementarem suas formações profissionais por meio da sua inserção na carreira da docência. Isso ocorre, pois, ao estar em contato direto com o professor, o monitor vivencia o fazer docente quando ainda é discente, colaborando com a aprendizagem dos demais alunos (Silveira, 2016). Desse modo, passa a valorizar o magistério superior e favorece a descoberta de possível vocação profissional (Botelho et *al*., 2019).

Ao mesmo tempo em que auxilia o orientador a atualizar estratégias didáticas, o monitor aprende pela observação e pela prática, transitando constantemente entre os papéis de educador e educando. Esse exercício de empatia contribui para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e de liderança — competências fundamentais tanto para o ensino quanto para a prática em saúde, na qual os profissionais devem atuar de forma autônoma e colaborativa diante de situações complexas e dinâmicas (Botelho et *al*., 2019).

Não há docência sem discência, quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender; quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (Cruz, 2008). De acordo com Miazaki, Pissolato, Nadai, e Carvalho (2011), ensinar não é apenas transferir conhecimentos e conteúdos. Com base em Freire (2001), ensinar e aprender, formar e ser formado são processos humanos interdependentes.

Diante disso, ser monitor corresponde a uma possível e favorável preparação para o exercício de uma medicina mais humanizada, visto que para ensinar algo a alguém é necessário, anteriormente, compreender suas fragilidades e ser um facilitador do processo. O curso de Medicina é, por vezes, denso e complexo, e, frente a um aluno-monitor que deseja atuar de maneira empática, o sucesso dos monitorados e da qualidade do ensino proposto pela faculdade são tão expressivas quanto o envolvimento do estudante.

4. CONCLUSÃO

A monitoria acadêmica possui o objetivo de aprimorar o ensino de graduação. A atuação extracurricular beneficia alunos monitores e monitorados, promovendo autonomia e integração. No curso de Medicina, a atuação do monitor é crucial para o desenvolvimento acadêmico e profissional. No entanto, mesmo que os temas relacionados à Educação Médica estejam em ascensão no país, mais pesquisas científicas são necessárias, a fim de aprofundar nas discussões sobre o tema, superar barreiras e alavancar a jornada dos estudantes, futuros profissionais da área da saúde.

REFERÊNCIAS

Almeida, R. S. (2013). Aspectos históricos da monitoria no ensino superior e sua importância para a preparação docente: a monitoria em geografia agrária. VII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 1–9.

Andrade, E. G. R., Rodrigues, I. L. A., Nogueira, L. M. V., Souza, D. F. (2018). Contribuição da monitoria acadêmica para o processo ensino-aprendizagem na graduação em enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem, 71*, 1595–1603.

Banco Mundial. (2018). Competências e Empregos. Uma Agenda para a Juventude: Síntese de Constatações, Conclusões e Recomendações de Políticas. worldbank.org/. América Latina e Caribe. Disponível em: https://documents.worldbank.org/. Acesso em: 8 jan. 2023.

Bhagat, P. R., Prajapati, K. M., Bhatt, R. B, Prajapati, V. K., Dureja, R., Tank, G. P. (2019). Development and introduction of a communication skills module for postgraduate students of ophthalmology. *Jornal Indiano de Oftalmologia*, 1810–1815.

Borges, E. T.; Luchesi, H. M.; Nascimento, E. A. N.; Pereira, W. M. M. (2024). Monitoria acadêmica na formação do profissional de medicina: uma revisão integrativa. *Archives of Health,* 5(1), 323-339.

Botelho, L. V.; Lourenço A. E. P.; Lacerda, M. G.; Woliz, L. E. B. (2019). Monitoria acadêmica e formação profissional em saúde: uma revisão integrativa. *ABCS Health Sciencies*, 44(01), 67-74.

Brasil. Ministério da Educação - Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. (2014). Resolução Nº 3, de 20 de junho de 2014. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1262764.

Brasil. Ministério da Saúde. (2020). O que significa ter saúde? Disponível em: https://www.gov.br/saude. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

Cruz, M. M. S. (2008). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. *Revista da Faced, Salvador, 13*, 167–172.

Dantas, O. M. (2014). Monitoria: fonte de saberes à docência superior. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 95*(241), 567–589.

Estrada, N. T., Rosas, M. P. S. (2020). Inteligencia emocional de los estudiantes de pregrado de las licenciaturas de enfermería. *Revista Cuidarte, 11*(3), 1–14.

Fernandes, D. C. A. et *al.* (2020). Contribuições da monitoria acadêmica na formação do aluno-monitor do curso de Enfermagem: relato de experiência. Debates em Educação, 12(27), 316-329.

Freire, P. (2001). Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados, 15*(42), 259–268.

Freire, P. (2014). Pedagogia da autonomia. (49ª ed.). Rio de Janeiro: Paz & Terra.

Frison, L. M. B. (2016). Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. *Pro-Posições, 27*(1), 133–153.

Kandel, E. R., Schwartz, J. H., Jessel, T. M. (1991). *Principles of neural science* (3ª ed.). USA: Prentice-Hall.

Krüger, A., et *al.* (2009). Teaching non-technical skills for critical incidents: Crisis resource management training for medical students. *Anaesthesist*, 582–588.

Lent, R. (2008). *Neurociência da mente e do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Lent, R. (2006). *Cem bilhões de neurônios*. São Paulo: Editora Atheneu.

López-Fernández, C. (2015). Emotional intelligence and interpersonal relationship among nursing students. *Educación Médica, 16*, 83–92.

Mastrandonakis, M. F. (2022). As “soft skills” dos cirurgiões plásticos e suas equipes, em comparação a outras ocupações em ambiente de pandemia COVID-19. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, 37*(2), 133–142.

Miazaki, A. P., Pissolato, M., Nadai, F. R., & Carvalho, C. A. F. (2011). Interface: monitoria de Anatomia e formação médica. *Perspectivas Médicas, 22*(2), 28–33.

Mietto, V. L. S. (2010). Bases neurais que envolvem o processamento da leitura e escrita. *Universidade Candido Mendes Pós-Graduação “Lato Sensu” Instituto A Vez do Mestre*, Rio de Janeiro.

Morrell, B. L. M., Eukel, H. N., & Santurri, L. E. (2020). Soft skills and implications for future professional practice: Qualitative findings of a nursing education escape room. *Nurse Education Today, 93*.

Natario, E. G. (2001). Programa de monitores para atuação no ensino superior: proposta de intervenção. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.

Nogueira, M. J. (2005). *Exame das funções mentais: um guia*. São Paulo: Lemos Editorial.

Ratka, A. (2018). Empathy and the development of affective skills. *American Journal of Pharmaceutical Education, 82*(10), 1140–1143.

Santos, A. R. (2002). Metodologia científica:a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A.

Silveira, E. (2016). A importância do Programa de Monitoria no ensino de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). *Revista de Ciência da Informação e Documentação, 7*(1), 131–149.

Siqueira, M. A. M., Torsani, M. B., Gameiro, G. R., Chinelatto, L. A., Mikahil, B. C., Tempski, P. Z., Martins, M. A. (2022). Medical students' participation in the Volunteering Program during the COVID-19 pandemic: A qualitative study about motivation and the development of new competencies. *BMC Medical Education, 22*.

Soto-Rubio, A., Giménez-Espert, M. C., & Prado-Gascó, V. (2020). Psychosocial risks, work engagement, and job satisfaction of nurses during COVID-19 pandemic. *Front. International Journal of Environmental Research and Public Health*.

Steinbach, G. (2014). Fundamentos históricos e teórico-metodológicos da monitoria: um estudo de caso dessa práxis na UFSC. *X Anped Sul*, Florianópolis.

Sousa, E. K. S.; Morais, E. J. S.; Araujo, T. L. B.; Almeida, C. A. P. L. (2017). A experiência da monitoria acadêmica e as contribuições para a docência: relato de experiência*. Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research,* 20 (03), 54-57.

Tavares, J. S., Oliveira, F. R., Maia, C. A. F. G., Rodrigues, W. F. G. (2017). Contribuições da monitoria de Anatomia Humana na formação acadêmica de estudantes de enfermagem: Relato de experiência. *Revista de Enfermagem UFPE Online, 11*(8), 3176–3179.

Vicenzi, C. B., Conto, F., Flores, M. E., Rovani, G., Ferraz, S. C. C., Marostega, M. G. (2016). A monitoria e seu papel no desenvolvimento da formação acadêmica. *Revista Ciência em Extensão, 12*(3), 88–94.